

o verde-oliva

Centro de Comunicação Social do Exército | Brasília, Maio de 1982 | ANO IX | Nº 74

8 de Maio
Dia da Vitória



Aos heróis, a gratidão da Pátria

Informe VO

Homenagem a Cláudio Coutinho



A Escola de Educação Física do Exército (Rio de Janeiro-RJ), comandada pelo Ten Cel Inf Paulo Ney Machado Ramalho de Azevedo, prestou significativa homenagem à memória do ex-Capitão Cláudio Coutinho, ex-instrutor daquela Organização Militar, com a inauguração de uma placa de bronze, dando seu nome ao Estádio de Esportes daquela Escola.

Compareceram à cerimônia, familiares do homenageado, além de diversas autoridades civis e militares.

Torre de carro de combate entregue ao Paraguai



A Escola de Material Bélico (Rio de Janeiro-RJ) recuperou e entregou à Missão Militar Brasileira no Paraguai, uma torre de carro de combate M3A1 "General Stuart". A torre foi preparada para utilizar cartucho de 22mm, a fim de permitir seu emprego no terreno reduzido que será construído em Assunção, à semelhança do existente na EsMB. Na foto, a torre quando era colocada no caminhão que a conduziu ao Paraguai.

Presidente da JID visita Bda Pqdt

O Presidente da Junta Interamericana de Defesa (JID), sediada em Washington-Estados Unidos da América, Ten Gen John Winn McEnery, visitou, no dia 15 Mar, a Brigada Pára-quedista (Rio de Janeiro-RJ).

A programação do evento constou de honras militares, visita à Área de Estágios, apresentação de uma Cia Fzo Pqdt aprestada e demonstração de salto livre, a cargo da Equipe da Bda Pqdt.



Instrução da tropa

O 28º Batalhão de Caçadores (Aracaju-SE) cumpriu o Estágio Básico de Combate/82, no seu Campo de Instrução, com a finalidade de verificar o aprendizado individual dos recrutas incorporados em 1982.

O exercício constou de marcha noturna de 16 km, a pé e transposição de pista de aplicação.



A formação do oficial do Exército



Fazendo parte do sistema de ensino do Exército, a Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) ocupa a posição de estabelecimento de ensino de formação, de grau superior e da linha do ensino militar bélico.

Para o cumprimento de sua missão, o ensino na AMAN, é organizado em duas áreas de conhecimento, interdependentes: o Ensino Fundamental e o Ensino Profissional, que são ministrados simultaneamente, no decorrer dos anos letivos, com prevalência deste último.

O Ensino Fundamental é formado por um conjunto de matérias que permitem integrar e desenvolver conhecimentos dos campos das Ciências Exatas e Ciências Sociais, para proverem a base humanística, filosófica, científica, tecnológica e política, necessárias ao prosseguimento da carreira militar.

O Ensino Profissional reúne as matérias, também de nível universitário, que permitirão os conhecimentos indispensáveis à futura aplicação da Arte-Ciência Militar.

Tanto o Ensino Fundamental, como o Profissional, proporcionam ao cadete, formação de nível superior. O nível universitário dos formandos da AMAN foi reconhecido pelo Conselho Federal de Educação, pelos pareceres CFE 104/68 e CFE 74/69. O cadete tem, pois, assegurados os direitos previstos na legislação que regula o ensino superior no País.

Para ministrar a segunda maior carga horária, dentre todas as escolas superiores brasileiras, a AMAN, organiza seus cursos, sob o regime de internato, em quatro anos letivos:

1º Ano	– Formação Básica
2º e 3º Anos	– Qualificação
4º Ano	– Qualificação, aplicação e intensificação da instrução.

Formação Básica

Neste período, pretende-se ajustar a personalidade do cadete aos princípios normativos que regem a vida militar e assegurar os conhecimentos essenciais que o habilitem ao prosseguimento de sua formação de oficial em qualquer dos cursos das Armas (Infantaria, Cavalaria, Artilharia, Engenharia e Comunicações), Serviço de Intendência ou Quadro de Material Bélico.

No Ensino Fundamental com nítida preponderância de conhecimentos do campo das Ciências Exatas, a preocupação é ampliar, desde logo, a capacidade de abstração, análise e síntese.

No Ensino Profissional, desenvolvem-se hábitos, atitudes e destrezas que, somados aos conhecimentos, permitem o desempenho das funções de soldado, cabo e sargento nos serviços internos e gerais dos corpos da tropa.

Forma-se ainda o "combatente básico", capaz de atuar no âmbito do grupo de combate e do pelotão de fuzileiros.

Qualificação

O Ensino Fundamental prossegue no 2º Ano, com a ampliação do conhecimento das Ciências Exatas que têm aplicação mais imediata na vida militar. No 3º Ano, a ênfase passa a recair sobre as Ciências Sociais e Humanas.

Quanto ao Ensino Profissional, neste ponto, há uma diversificação de formação. Objetiva-se à qualificação do graduado nas Armas, Serviço ou Quadro. No início do 2º Ano, há a escolha de cursos onde o cadete, por ordem de classificação ao término do 1º Ano, faz a sua escolha para uma determinada Arma, Serviço ou Quadro. Assim, distribuído em subunidades pelos diversos cursos, o cadete será qualificado como graduado, iniciando, ainda, a capacitação ao exercício do comando de frações elementares.

Qualificação, aplicação e intensificação da instrução.

Quanto ao Ensino Fundamental, prossegue-se na ampliação e complementação dos conhecimentos ministrados no 3º Ano.

No Ensino Profissional busca-se, primordialmente, a formação do subalterno e do capitão, bem como a ampliação da sua formação profissional, através da intensificação da instrução de manutenção de Material Bélico, Comunicações e Educação Física. Há, também, a preocupação de incentivar o voluntariado para a aquisição de conhecimentos e habilidades que requeiram aptidões especiais, tais como, pára-quedismo e equitação. Finalmente, neste ano, propicia-se a oportunidade para o exercício do comando de diferentes frações de tropa, prática de instrutor e prática de atividades administrativas.

Os Cursos

Após aprovado no Curso Básico, o cadete escolhe a sua especialidade. Assim, os Cursos têm a grande responsabilidade de moldar o futuro oficial, dentro dos parâmetros necessários à consecução da profissão militar.

A estruturação do Ensino Fundamental considera que todos os cadetes, das diferentes Armas, Serviço ou Quadro, sigam um currículo único.

No currículo do Ensino Profissional, ministram-se as matérias específicas ao desempenho de funções a par das matérias comuns a todos os cursos, tais como: Instruções Especiais, Tiro e Educação Física.

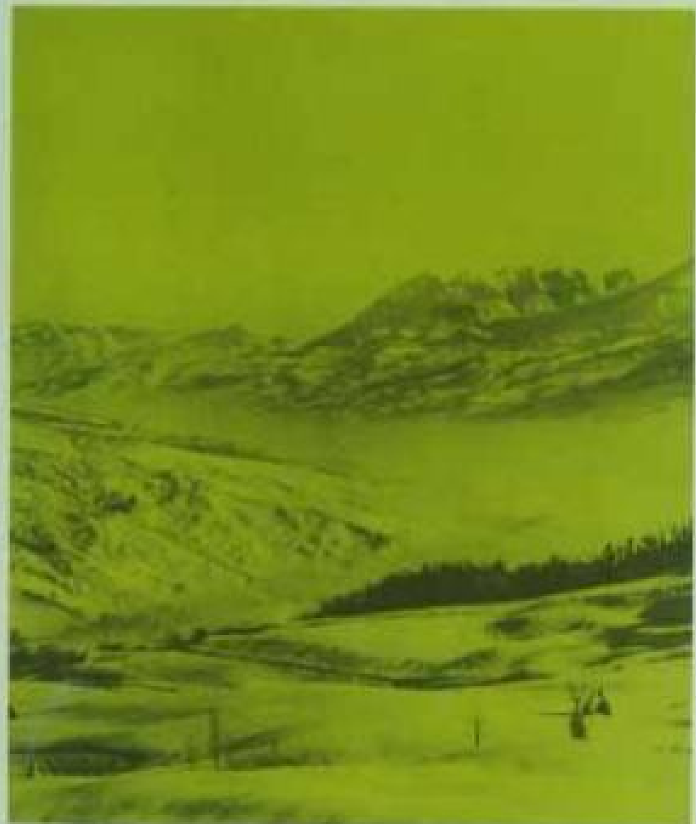
O Oficial do Exército Brasileiro, além dos conhecimentos técnicos profissionais e gerais, indispensáveis às atividades da profissão e à integração ao meio social e cultural, deve possuir, em grau elevado, atributos de ordem afetiva, tais como: patriotismo, coragem moral e física, dignidade, devotamento, persistência, força de vontade, iniciativa, energia, senso de responsabilidade e espírito militar.

"Saiba a posteridade imitar

8 de maio de 1945. . . trinta e sete anos já se escoaram ao longo do tempo, desde o dia em que, nas lonjuras da antiga Itália, vivíamos as alegrias da Vitória. E hoje, trazemos aos nossos bravos companheiros, que se honraram em pertencer à Força Expedicionária Brasileira, sobretudo aos que tombaram na luta, a nossa homenagem e o nosso preito de saudade.

Não viemos apenas para recordar o passado, mas para abrir o coração aos votos e às resoluções que deram sentido ao sacrifício a que viemos tributar a nossa gratidão. Sim, é hora de resoluções. É hora para uma tomada de consciência, quando nos debruçamos sobre o sacrifício dos nossos companheiros; mas, é hora, também, para recordações. . . para relembranças de um passado que já se distancia de nós. E essas recordações, merecem ser repetidas, principalmente aos mais jovens, para que saibam que um dia os seus irmãos de armas souberam enfrentar a morte, para que sobrevivesse a honra da Pátria.

As relembranças deste dia são para aqueles que lutaram e, ao mesmo tempo, exprimem uma homenagem àqueles que tombaram



O inverno na Itália

no campo da luta por um ideal: indicar às gerações futuras o caminho da liberdade, e elevar o nome do Brasil no concerto das nações.

Neste dia, reverenciamos os que tombaram ao traçar, com verdadeira grandeza, em céus e terras da Itália, esse roteiro de glórias. Reverenciamos, também, aqueles que dormem nas profundezas do oceano, testemunhando a bravura da nossa Marinha do Brasil e da nossa Marinha Mercante, uns e outros, heróis e bravos, como os companheiros da Força Expedicionária Brasileira e da nossa Força Aérea.

Numa volta ao passado, os ex-combatentes gostariam de recordá-lo, percorrendo aqueles mesmos caminhos por eles, há trinta e sete anos, palmilhados. . .

E, palmilhando esses caminhos, recuam no tempo e revêem cenários e paisagens, mudas testemunhas de tantas lutas, de tanto sacrifício, de tanto heroísmo, de tanta dor. . .

Pelas dobras dos caminhos, lá se vão eles, enfrentando os rigores das nevascas a lhes cortarem a face. . . Era o inverno, cobrindo tudo de neve: a montanha, a aldeia, os caminhos. E aquelas árvores, que o outono despiu, vistas agora, adereçadas de arminho, nos intervalos do canhoneio, dir-se-iam vestidas para um grande cortejo nupcial. Os pinheiros — burgueses dos montes — ostentam nas folhas verdes o encanto de rendas brancas que a noite teceu em silêncio. . . Essa fiandeira, de lábios de sangue, de olhos de fogo, cúmplice de surpresas medonhas, fiou, às horas do sono, com fios tão brancos, os vestidos da terra. . . Era a monotonia do inverno, que oprimia, angustiava, abatia.

E, de lembrança em lembrança, lá se vão eles, roçando os contrafortes dos Apeninos, à espreita de Monte Castello. . . Agora, em Barga, eles se defrontam com a Linha Gótica — negra e sombria — para dali, desalojar o inimigo ferrenho que não nos dava descanso. . . Lá estão eles, senhores, em Monte San Quirico e Torre di Nerone. . . Em Galicano e Riola. . . Em Monte Acuto e Colecchio. . . Em Fornacci di Barga e Castelnuovo de Garfagnana. . . Em Pradoscello e Lama di Sotto. . . Em Monte Castello e Montese, atestando, com o seu sacrifício, o heroísmo e a bravura do soldado brasileiro.

Indormidos, eu os vejo investindo sobre Monte Prano e Abetaia, apesar da resistência desesperada do inimigo.

Nos primeiros alvores da madrugada de 21 de fevereiro, vejo-os escalando Monte Castello para, depois de encarniçada luta, tomá-lo ao inimigo, quando as sombras da noite já envolviam a terra. . .

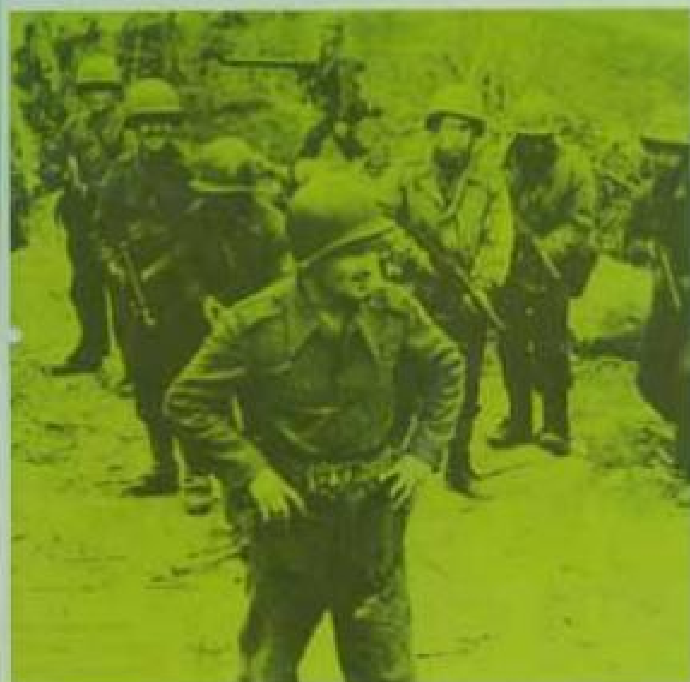
Diante do altar de campanha, vejo-os rezando recolhidamente, piedosamente. A empáfia que afasta os homens de Deus não permanece, em coração algum, a dois passos da morte.

Vejo-os abordando os campos minados, para salvar o companheiro ferido, como lhes vejo a bravura e o heroísmo consubstanciados na pessoa do bravo Aspirante MEGA, e do não menos bravo Sargento WOLFF.

Na FEB, havia gente de toda a parte e de todos os caminhos do Brasil. Todavia, não é o momento para falar de todos os que vieram desses caminhos. Entretanto, de um pugilo de bravos, eu falarei, para destacar a bravura, o desprendimento e, sobretudo, o heroísmo incomum frente à uma força alemã, superior em número e meios. É uma história dentre as muitas histórias da FEB. São histórias que ouvi de companheiros que lhes foram testemunhas oculares. De outras, eu mesmo fui testemunha. E essas histórias não podem e não devem cair no esquecimento. Não! Elas têm de extrapolar os limites dos nossos arquivos, e se projetar em nossas Organizações Militares, para que a juventude militar delas tome conhecimento e, nelas, veja a bravura, o desprendimento e o heroísmo do soldado brasileiro que, chamado ao cumprimento do dever para com a Pátria, não desmereceu a memória dos seus maiores.

15 de abril de 1945. Um domingo. O rigor do inverno cedia lugar, agora, à primavera que, tímida, pincelava de verde, aqui e ali, a brancura da neve, nas alturas de Montese. . .

s feitos gloriosos dos antepassados``



O bravo Sgt Wolff e seu Grupo de Combate

O soldado brasileiro — muitos, à custa de suas próprias vidas — havia quebrado a resistência tenaz e encarniçada dos alemães, ao longo dos contrafortes dos Apeninos, na perigosa região de Porreta Terme, local onde estacionava o nosso Quartel-General Avançado.

O inimigo havia perdido o seu valioso bastião para nós, o terrível e fantástico Monte Castello. Nosso objetivo, agora, era Montese. Diante da perspectiva da perda de tão importante posição, o inimigo reagiu com indescritível violência, transformando toda aquela região e circunvizinhanças num imenso inferno de fogo. O ribombar dos canhões e dos morteiros aturdia os que tomaram parte naquela memorável batalha que nos deu a vitória sobre Montese.

Dominada aquela posição, transformada num verdadeiro sorvedouro de vidas, partimos em direção ao Vale do Pó. Mas, uma surpresa aguardava os bravos soldados de Sampaio, na região de Precária.

Ali, a intemerata infantaria brasileira se deteve emocionada: uma cova rasa, cavada pelos alemães, encerrava os corpos de três soldados brasileiros. Encimando a sepultura, uma cruz tosca. Nela, esta inscrição: "Drei Tapfere Brasil-24-1-45". "3 bravos do Brasil-24-1-45".

Emoção e pasmo tomaram conta de todos. Sim, pasmo porque todos sabíamos que os alemães raramente sepultavam os corpos do inimigo. O comum, era deixarem-nos insepultos, à guisa de isca para o soldado inimigo que os fosse buscar. Coisas da guerra. . .

Mal refeitos da emoção, continuaram os soldados em sua progressão. De certo, iam-se perguntando: "quem seriam aqueles companheiros?". "Que teriam feito para impressionar o próprio inimigo?".

À primeira pergunta, pode-se responder: os "três bravos do Brasil" eram o cabo José Graciliano Carneiro da Silva, o soldado Aristides José da Silva e o soldado Clóvis da Cunha Paes de Castro, todos, integrantes do 1º Regimento de Infantaria — Regimento Sampaio — e pertenciam à 6ª Companhia do II Batalhão, o Batalhão Syzeno.

À segunda pergunta: "que teriam feito eles?", respondemos: só Deus e os alemães o sabem.

Dois daqueles heróis eram filhos do bravo Nordeste: o cabo José Graciliano Carneiro da Silva e o soldado Aristides José da Silva. O primeiro, trouxera consigo, lá das lonjuras dos Montes Guararapes, a bravura e o destemor dos seus antepassados: era de Pernambuco. O segundo, Aristides José da Silva, herdara a tenacidade e o heroísmo do patrono de sua Arma: era do Ceará. O terceiro, Clóvis da Cunha Paes de Castro, viera das escarpas da Mantiqueira. Enchia-se-lhe o peito com as ânsias da liberdade: era das Minas Gerais.

No Boletim Interno da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária, de 29 de maio de 1945, consta a seguinte citação:

"Promoção de Praças "Post-Mortem".

O cabo José Graciliano Carneiro da Silva, o soldado Clóvis Cunha Paes de Castro e o soldado Aristides José da Silva, integrantes de uma patrulha de reconhecimento, lançada pelo Regimento Sampaio sobre as posições inimigas do ponto cotado 720, na região de Precária, no dia 24 de janeiro de 1945, portaram-se com evidente destemor na execução da missão que foi lhes confiada.

Custou-lhes a vida o cumprimento do dever.

Este ato, bastante dignificante, impressionou o próprio inimigo, que numa eloqüente afirmação da bravura desses elementos da FEB, testemunhou a sua admiração, gravando no seu túmulo a seguinte inscrição:

"Três bravos do Brasil — 24-1-45".

Este comando resolve, pois, promovê-los ao posto imediato, "post-mortem", como justa homenagem aos que tão bem souberam sacrificar-se pela Pátria, com dignidade e bravura.

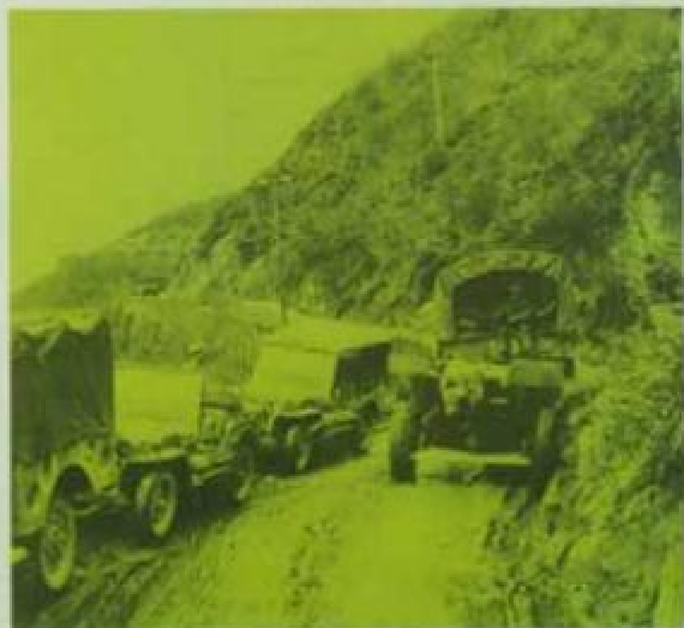
(a) General Mascarenhas de Moraes".

O que fizeram aqueles "três bravos do Brasil", pergunto eu, perguntamos nós, para merecer tamanho elogio do inimigo? Com toda a certeza, devem ter praticado ato de heroísmo incomum, à frente de uma força que lhes era superior em número e em meios.

Não se renderam. Preferiram lutar. E morreram lutando.

Carlos Delacroix, escritor mutilado da Primeira Grande Guerra, dizia: "nas guerras, há sempre os desconhecidos". . .

Mons Alberto da Costa Reis
Capelão da FEB



Tropas brasileiras no Teatro de Operações Europeu.

Histórias que a História não conta...

Monte Castello caíra em mãos brasileiras! 21 de fevereiro de 1945. . . Ao entardecer daquele dia tão sonhado pelos que tiveram a honra de integrar a Força Expedicionária Brasileira, o famoso baluarte alemão passava às mãos do soldado brasileiro.

Três ataques foram desfechados pelos bravos infantes de Sampaio, ao "Monte-Fantasma". Infrutíferos, todos. Para o alemão, Castello, realmente, era uma fortaleza inexpugnável. Defendendo seus flancos, abrigos à prova de fogo, bem camuflados. O "engenho e arte" germânicos chegavam ao requinte quando, para se camuflarem, construíam uma casamata de mais de três metros de diâmetro, cavada por debaixo, sim por debaixo das raízes frondosas de um carvalho! Dali, se descortinava grande parte da planície fronteiriça. Descortinava-se Porreta Terme, onde estacionava o Quartel-General Avançado do Comandante da FEB.

Conquistado Monte Castello, começou o trabalho — penoso e caridoso do pelotão de sepultamento.

Ao se darem as buscas aos cadáveres dos companheiros tombados, nos ataques anteriores, foram descobertos, por um capelão militar, 17 homens, mortos, na posição atrevida de um lance de bravura.

Mais de dois meses estiveram eles, ali. Não convinha ao inimigo tocá-los. O receio da armadilha. . . dos "Booby traps". . . colocados na plaqueta de identidade. Não éramos disso. Alguns tinham, nos dedos enregelados, granadas de mão, já sem o grampo de segurança, e, por isso, talvez, fácil de explodirem contra quem os tentasse demover.

Quem sabe. . . Quantas vezes a sentinela tedesca, nas horas quietas da noite não parava para contar os dezessete mortos, estendidos em linha semicircular, em formação de combate, a menos de vinte metros das seteiras das casamatas alemãs.

Um. . . dois. . . três. . . quatro. . . Quando os raios de sol faiscavam na neve, o tedesco notava que entre os mortos havia uma estranha mistura de raça e de cores. . . A intrepidez do lance e o arrojo da investida davam à sentinela uma idéia de como eles eram agressivos. Mas, aqueles bravos estavam sem vida. Eram inofensivos. Outras vezes, contemplando-os, vinha-lhe, até, uma admiração sincera e espontânea ao comandante do grupo, à frente de todos, a boca aberta, como a comandar a sua última ordem, e o braço retesado como a apontar ao grupo o objetivo a ser atingido: era o 3º Sgt Luiz Rodrigues da Silva Filho.

No Boletim da sua Unidade, o 1º Regimento de Infantaria, lê-se este elogio:

"E, à frente de todos, épico, personificação do verdadeiro chefe, intemerato, o graduado lhes comandava o último lance, a boca ainda aberta na derradeira voz de comando, o braço em riste a apontar o objetivo e a execução do assalto — era o cadáver do 3º Sargento Luiz Rodrigues da Silva Filho".



Aspirante-a-oficial Francisco Mega

Era 14 de abril de 1945. Um sábado. O jovem Aspirante MEGA comandava um pelotão de 1º Escalão, que progredia, protegendo o avanço do 11º Regimento de Infantaria, no ataque a Montese. Seu objetivo era uma concentração de tropas inimigas nas proximidades de Serreto. Fogos de todos os calibres, inclusive de armas automáticas assinaladas em Serreto, batiam toda a região, provocando baixas nas fileiras do Pelotão do bravo Aspirante.

Apesar da forte resistência do inimigo que procurava deter-lhe o avanço, com tiros ajustados de metralhadora e forte bombardeio, o Aspirante MEGA impulsionava infatigavelmente o seu Pelotão, cujos homens, empolgados pelo exemplo de bravura e sangue frio do seu Comandante, avançavam separados, um do outro, cerca de 20 metros.



Súbito, o silvo de uma granada, fazendo sonidos de morte, fá-los atirarem-se ao chão.

Passado o perigo, levantam-se e continuam a progressão. Todavia, logo param. Seu Comandante está ferido. O sangue, aquele sangue generoso, empapa-lhe o peito.

— "O que é que vocês estão olhando? — pergunta o bravo Aspirante aos pracinhas. — A guerra é lá na frente. Minha morte nada significa. O importante é vocês cumprirem a missão. Continuem avançando".

Amparado pelo braço amigo do seu dedicado ordenança, o bravo Aspirante dispensa qualquer socorro — aliás, inútil. Os estilhaços seccionaram-lhe vários órgãos vitais. Sua vida, aquela vida de criança ainda, se esvai, a pouco e pouco, mas a sua vontade é férrea.

Reagindo aos sofrimentos, chama o sargento e pergunta-lhe se sabe bem quais as instruções a seguir. O sargento responde-lhe afirmativamente, e o Aspirante MEGA, o Comandante daquele pugilo de bravos, indica, na sua carta — a dele estava suja de sangue — qual o caminho a seguir. Não quer lamentações.

— "Quando vim, sabia que isto poderia acontecer".

Despede-se de cada um, e exige-lhes o compromisso de que continuarão atacando. Sua voz é sumida. Distribui os seus pertences entre os seus comandados, e pede ao sargento que faça chegar às mãos de seu pai um anel que usava e que tinha o retrato de sua mãe.

Por fim, pede ao sargento que retire do seu "Field Jacket" um terço de Nossa Senhora, e reza com todos.

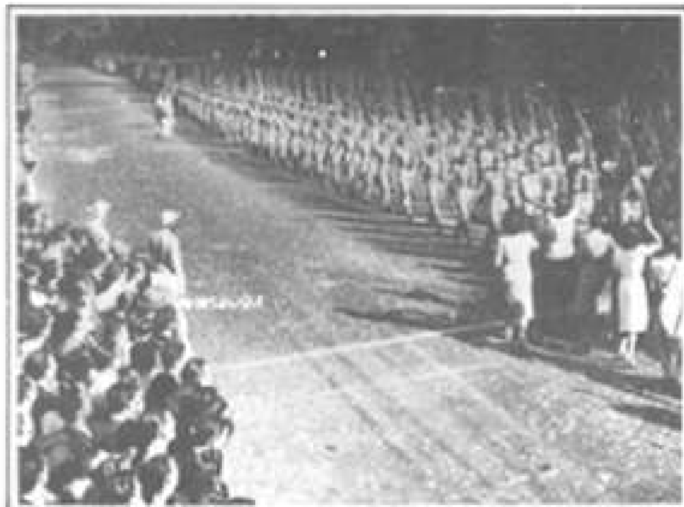
E foi rezando, que o valente Aspirante Francisco MEGA morreu. Serenamente. Sem uma contração, calmo, ante o silêncio daqueles bravos que viam morrer um rapaz de vinte anos, um menino, nos gelados campos de batalha.

ASSIM MORREM OS BRAVOS!

(Cel Cpl Mons Alberto da Costa Reis).

Dia da Vitória

Uma vez, na Itália. . .
Assim começa a história dos nossos pracinhas na FEB.
Somente os exemplos que frutificam, marcam magistralmente o passado heróico dos sacrificados nos angustiantes momentos.
Os bravos, unidos, se fizeram mais livres.
Os heróis, arrojados, dignificaram suas ações.
Os mortos, tombados, voltaram na significação de nossos sentimentos mais puros.
Todos traduzem bandeiras, revelam legendas e explicam lideranças.
Uma vez na Itália. . .
Foi todo um feito de instintos nativos, onde a índole pacífica incendeia o patriotismo e vigor da raça na interpretação mais nobre e mais destemerosa ante a ameaça usurpadora e daninha.
Na coerência da participação, o direito de liberdade.
No culto à Pátria indestrutível, o dever da imolação.
No amor às sagradas conquistas, o penhor da própria vida.
Partiram.
Partiram, quando um grito hediondo se fez ouvir maculando sábios princípios, desrespeitando eternos ideais e violando soberanas vontades.
Lutaram.
Lutaram com destemor de um povo livre que repudia a injúria, cultua a liberdade e reverencia um passado de honra.





Participaram.
Participaram, de modo épico, enfrentando entraves, nas paragens onde tudo era adverso.
Sangraram.
Sangraram nas feridas abertas à imolação de suas próprias vidas, no caprichoso destino dos titãs do bem servir.
Morreram.
Morreram quando defendiam o direito de viver, perpetuando nas páginas da história, nomes, ações e exemplos.
Voltaram.
Voltaram ao seio da Pátria amada para participação do coletivo sentimento do aplauso cívico.
Era uma vez os pracinhas.
Permanecerão, todos eles, vivos e mortos, na memória da gente brasileira, que saberá reverenciá-los no altar sagrado da Nação agradecida.
Novamente nossos olhos se encherão de lágrimas pelas vidas perdidas.
Novamente nossos corações se encherão de orgulho pela construtiva história que eles escreveram com o sangue e com o sentimento.
Na evocação do Dia da Vitória, estarão juntos Povo e Nação, Saudade e Agradecimento, Lealdade e Patriotismo.
Uma vez na Itália, e em qualquer parte, sempre o Brasil.

Ten Cel Med Alberto Martins da Silva

Aniversário da Batalha de Monte Castello

Correspondência entre o Embaixador dos EUA e o Capelão-Chefe do Exército

Exmº Monsenhor Alberto:

Venho pela presente parabenizá-lo pelo transcurso de mais um aniversário da Batalha de Monte Castello na Itália, e ao mesmo tempo expressar a nossa gratidão pela bravura e distinta participação da Força Expedicionária Brasileira.

Sinto-me honrado, juntamente com os demais membros desta Missão Diplomática, de poder compartilhar dos laços de estreita amizade que unem nossos países.

Valho-me desta oportunidade para renovar os protestos de estima e particular apreço.

Langhorne A. Motley
Embaixador dos Estados Unidos da América

Exmº Sr. Embaixador:

Não foi sem emoção que recebi sua mensagem, parabenizando-me pelo transcurso do aniversário da Batalha de Monte Castello.

Tenho comigo, Senhor Embaixador, que, se a guerra carrega consigo toda uma carga de devastação moral e material, paradoxalmente, traz-nos também, benefícios. Um deles: a sólida amizade que une os combatentes, quando estes, sobretudo, defrontam com o perigo que lhes pode acarretar a morte. Foi o que ocorreu com os brasileiros e americanos que, juntos, compartilharam as alegrias e dissabores da Segunda Guerra, na frente italiana.

E aqueles dissabores, e aquelas alegrias serviram para estreitar, mais ainda, a amizade que une os nossos países.

Por isso, por tudo isto, Senhor Embaixador, agradeço-lhe a gentileza da mensagem que me enviou, recordando o feito do soldado brasileiro, naquele longínquo 21 de fevereiro de 1945.

Servindo-me deste ensejo, aproveito a oportunidade para apresentar a Vossa Excelência e aos demais componentes dessa Missão Diplomática, a certeza da minha estima e gratidão.

Monsenhor Alberto da Costa Reis
Cel Capelão-Chefe do Exército

CEP

Centro de Estudos de Pessoal

ORIGEM

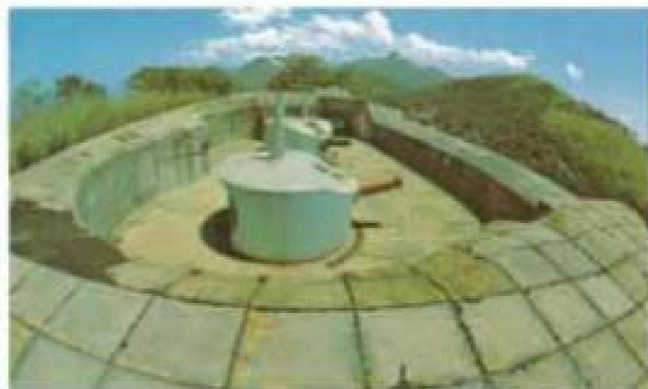
Após a 2ª Guerra Mundial, o Exército Brasileiro sentiu a necessidade de modificar a orientação até então dada à condução do ensino e da instrução, particularmente no sentido da maior valorização das ciências humanas. Ficaram evidentes as necessidades de empregar técnicas científicas, inicialmente, para as atividades de ensino e instrução e da seleção de pessoal, e, mais tarde, para as de administração e de comunicação social.

Assim, nos primeiros anos da década de 50, já funcionavam o Curso de Técnica de Ensino e o Curso de Classificação de Pessoal, que representavam, em si mesmos, um avanço considerável na tentativa de o Exército preparar recursos humanos aptos a melhorar a eficiência do ensino e da instrução militar, bem como do sistema de seleção pessoal para a Força.

O CENTRO DE ESTUDOS DE PESSOAL (CEP) foi criado, em 24 de abril de 1965, como resultado da fusão dos dois cursos mencionados e, também, do Centro de Línguas Estrangeiras.

Foi criado para ajudar o Exército a ser ainda mais eficiente, contribuindo para sua permanente modernização. Foi concebido para o estudo e a pesquisa de assuntos ligados aos campos da ciência e da tecnologia — aplicáveis ao setor de pessoal — de forma a capacitar o Exército a formar soldados cada vez melhores.

A desativação do material do antigo "Forte Duque de Caxias" (Leme-RJ) proporcionou a oportunidade de utilização de um velho aquartelamento, extremamente favorável, por sua localização, aos objetivos desse importante Centro.



Nos dezessete anos de sua existência, o CEP modificou-se estruturalmente e acumulou experiência que o tornou capaz de oferecer às Forças Armadas Brasileiras e às Nações Amigas, técnicas inteiramente originais e aplicáveis no campo das ciências humanas.

O ENSINO

O CEP ministra os seguintes Cursos:

Para Oficiais das Forças Armadas Brasileiras, Nações Amigas, Forças Auxiliares e Civis:
. Técnica de Ensino
. Técnica de Ensino (exclusivamente para Professores do MEC)
. Psicotécnica Militar
. Técnica de Administração
. Comunicação Social
. Idiomas

Para Sargentos das Forças Armadas e Forças Auxiliares:
. Classificação de Pessoal
. Inspetor de Alunos
. Assuntos Civis

São ministrados os seguintes Estágios:
Para Oficiais e, eventualmente, Civis:
. Elaboração de Currículos
. Atualização Pedagógica
. Orientação Educacional

A PESQUISA — principais trabalhos

— Em Psicologia
. Sistemática de Seleção Psicológica do Exército
. Elaboração de instrumentos de medida necessários à Seleção, Avaliação e Orientação de Pessoal, com fundamento no estudo da profissiografia das funções militares.

— Em Sociologia
. Conhecimento do Homem e sua interação no grupo.
. Subsídios para a doutrina militar brasileira, no que se refere às técnicas de Comunicação Social.



— Em Pedagogia
. Evolução de Métodos e Processos Pedagógicos
. Projetos que visam à eficiência da Instrução e do Ensino no Exército.

— Em Administração
. Evolução dos métodos científicos aplicados à Administração.
. Projetos que visam à eficiência das Técnicas Administrativas.

A SELEÇÃO

O CEP tem condições de definir medidas psicológicas a serem utilizadas pelo Exército, além de acompanhar o valor preditivo dos instrumentos de medida.

O CEP está em condições de exercer o controle permanente das medidas a serem adotadas, a fim de resguardar o sigilo dos instrumentos de medida, e dispõe de um sistema de acumulação de dados, obtidos nas seleções psicológicas.

O CENTRO

O CEP se constitui no único instituto, no Exército, voltado para o estudo e a pesquisa na área das Ciências do Comportamento Humano.

A existência de uma Organização que realize e difunda estudos nas áreas da psicologia, da educação, da administração e da comunicação social, aplicados ao campo militar, é fundamental; especialmente quando se considera o desenvolvimento crescente e acelerado, nas últimas três décadas, das referidas áreas.

O tratamento sistemático e científico das questões relativas às Ciências do Comportamento dotarão, certamente, o Exército de técnicas e de procedimentos capazes de aumentar, ainda mais, a sua eficiência.

Não se poderá abdicar, no mundo atual, de uma doutrina para problemas relativos à administração de pessoal e de material, à seleção, recrutamento e adaptação de pessoal, ao ensino, à comunicação social, de uma doutrina solidamente apoiada e fundamentada em sistemas teóricos que informam as Ciências Humanas.

Para o Exército, a elaboração dessa doutrina exige um estudo acurado, que permita a continuada adequação das diversas formulações teóricas à natureza da estrutura organizacional, das peculiaridades e dos valores que constituem o Exército Brasileiro.

Esse esforço é progressivo e demanda, por certo, a persistência, a criatividade e a objetividade, durante muito tempo, como requisitos básicos.

Origens, Armas e especialidades diferentes foram o Núcleo formador do CEP, que hoje é um estabelecimento de ensino, pesquisa e seleção que acompanha o processo científico e tecnológico para, **valorizando o homem, melhor servir ao Exército e ao Brasil.**

